

Relatos de tempos de mudanças.

Não dá para ficar parado: Vítor Belanciano assina livro sobre a “música afro-portuguesa”

Texto: Alexandre Ribeiro

Fotografia: Bruno Castanheira

Publicado a: 07/12/2020



CURTAS

LONGAS

CRÍTICAS

REPORTAGEM

BIBLIOTECA

Apesar de se ter debruçado de uma maneira mais sucinta sobre o assunto num texto publicado em Dezembro de 2019 no *Ípsilon*, *Não dá para ficar parado*, o novo livro de Vítor Belanciano, partiu de outro sítio: “Resulta de um desafio do projecto de investigação *Memoirs*, que tem vindo a reflectir o pós-colonialismo na Europa, em particular o efeito das segundas e terceiras gerações afrodescendentes nas artes, na cultura e no pensamento. O ano passado fui convidado por um dos investigadores, o António Pinto Ribeiro, para dar um seminário sobre a música feita em Portugal pelas novas gerações afrodescendentes, na sua relação com as dinâmicas socioculturais, e foi a partir daí que a hipótese de escrever um livro sobre o assunto me foi colocada.”

Sobre a escolha da editora, acrescenta: “As **Edições Afrontamento** têm vindo a editar os livros que têm saído do projecto *Memoirs*. O contexto é esse. É óptimo que exista interesse por estes temas. Sinto que em Portugal ainda existe muito a fazer nesse campo.”

Como nos diz o jornalista e crítico musical do *Público*, o trabalho para este livro já andava a ser feito há algum tempo, mesmo que de uma forma inconsciente, e a matéria-prima é recolhida no seu próprio arquivo: “baseia-se em todas as conversas, artigos e reflexões que fiz ao longo dos últimos 15 a 20 anos sobre estes temas. Sem os testemunhos de **General D**, **Sam The Kid**, **Aline Frazão**, **DJ Marfox**, Buraka, **Kalaf**, **Branko**, Dino D’Santiago, **Nástio Mosquito**, **Octa Push**, Scúru Fitchadu, **Sara Tavares**, **Batida**, **Nigga Fox**, etc, etc, ele não seria possível.”

Esta “música afro-portuguesa” que gira à volta de “celebração, conflito e esperança” é uma ideia em constante construção: “Há imensos agentes relevantes. Acaba por estar tudo ligado. O impacto dos Buraka Som Sistema foi central, mas ele só existiu porque antes o hip hop em Portugal se afirmou e depois houve **Cool Hipnose** ou Spaceboys e tantas outras coisas. Da mesma forma que o percurso internacional de Batida ou da Príncipe Discos beneficiou desse efeito Buraka. A redescoberta do **Bonga**, por exemplo, está também conectada com esta dinâmica, porque existe um recontar da história, um trabalho de memória que importa fazer. E depois, hoje, tens imensos vectores, desde a criouliização do Dino D’Santiago, à atitude combativa de Scúru Fitchádu, ou novas gerações que tanto se inspiram em motivos da cultura global como local, como o Tristany. Enfim, mais do que este ou aquele agente, parece-me que existe um ecossistema cultural fascinante a que é difícil atribuir um nome. Eu chamo-lhe ‘música afro-portuguesa’, mas na verdade todas as denominações são frágeis e incompletas. Ou seja, existe uma nova realidade sociocultural, em Portugal e na Europa, que em grande medida a linguagem ainda não acompanhou.”

O “#Brevemente” que acompanhou o discreto anúncio na página de Facebook pessoal de Belanciano está mais próximo do que se possa imaginar: “O livro estará nas lojas no próximo sábado. Na sexta-feira, a partir das 18 horas, no Lux Frágil, em Lisboa, será a sessão de lançamento. Haverá conversa e música, na qual participarão o investigador António Pinto Ribeiro, os músicos Dino D’Santiago e DJ Marfox, o jornalista e DJ Davide Pinheiro e eu. Estão todos convidados, como é evidente.”

